

WTR00001

PREÇO DESTA EDIÇÃO: R\$ 2,00

A M A Z O N A S

EM TEMPO

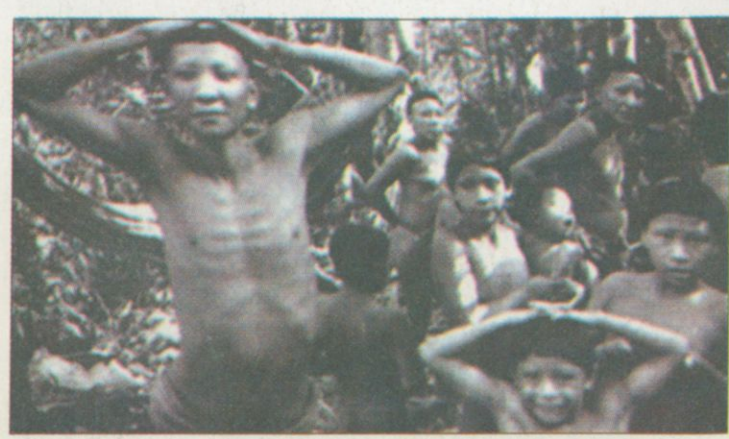
ANO XXI - Nº 6.429 - Manaus, domingo,
23 de novembro de 2008

Presidente: Otávio Raman Neves
Diretor Executivo: Gutemberg Alencar

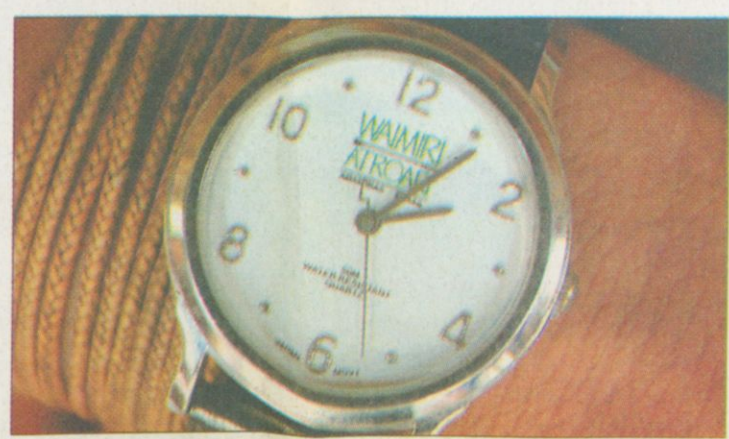


A VITÓRIA APÓS MASSACRES

Vítimas de uma série de massacres iniciada em 1663, quando Pedro Favela destruiu 300 aldeias e assassinou 700 índios, os waimiri-atroari foram praticamente extintos. Em 1987 eram apenas 374 sobreviventes. A partir da década de 80, com a implantação pela Eletronorte de um programa de resgate da etnia, como forma de compensar os impactos causados pela hidrelétrica de Balbina, a tribo voltou a crescer e hoje a população já passou dos 1,2 mil índios. Guerreiros, os waimiri-atroari venceram todos que tentaram dizimá-los e rechaçaram as missões evangelizadoras, preservando o culto ao deus Mawá, cerimônia considerada ultra-secreta. São exemplos de superação, conciliando a cultura milenar com o uso da internet e de equipamentos eletrônicos de última geração. Transformaram o nome waimiri-atroari numa marca, explorada pelos próprios índios no mercado global. É a história de um povo vencedor, que o EM TEMPO registra em um suplemento especial com textos e fotos dos repórteres Orlando Farias e Ricardo Oliveira.



PASSADO



PRESENTE



FUTURO

ESPECIAL WAIMIRI-ATROARI

Massacres, riquezas e mistérios

RIO ALALAU (RR) - Os índios Waimiri-Atroari habitam uma área de 3,2 milhões de hectares ao norte do Amazonas e sul de Roraima. São índios como todos os demais que vivem na Amazônia Brasileira, menos por um detalhe. Desde sempre eles se insurgiram contra as missões religiosas que infestam as aldeias indígenas no Amazonas e contra a própria cultura envolvente.

Eles professam unicamente Mawá, um Deus que criou a Terra, a Água, a Mata, o Ar e a Fauna. Segundo a crença, Mawá conservava o ambiente de forma implacável, até que um dia decidiu passar essa responsabilidade para a própria tribo. E, claro, foi descansar para o plano de cima. A relação harmônica dos índios com Mawá e com a natureza os levou a rechaçar todas as tentativas de evangelização, inclusive de forma sangrenta aos que ousaram esse intento.

A mais famosa tentativa foi pilotada pelo padre italiano Giovanni Calleri, da Missão Consolata e que acabou numa grande tragédia. O religioso e mais nove colaboradores, incluindo freiras, foram trucidados pelos índios em 1969.

Depois do padre Calleri, vários pastores tentaram dissuadir os índios, ingressando furtivamente na reserva. "Colocamos todos pra correr", diz o cacique principal da tribo, Mário Parywé, sentenciando: "Não precisamos do Deus dos pastores e dos padres... E nem da Bíblia".

Mawá é um assunto ultra-secreto, do qual apenas alguns aspectos gerais foram revelados, inclusive para esta reportagem. Os cânticos, celebrações, rezas, cultos e a quase totalidade da doutrina jamais foram revelados para nenhum branco. "Isso é coisa nossa, só

nossa. 'Guardamu' no fundo do nosso coração", explica Mário Parywé.

Mas nenhum mito na Amazônia parece ter se tornado tão real como o de Mawá. Com ele, os Waimiri-Atroari se tornaram, efetivamente, como preconiza o mito, guardiães da floresta. A reserva de 3,2 milhões de hectares é totalmente preservada, com fauna riquíssima e sem ocorrências de invasões garimpeiras, madeireiras ou biopiratas, já que os índios, como recomenda Mawá, vigiam e protegem permanentemente as suas terras.

Apesar dos contatos que mantiveram em vários momentos com os brancos, os Waimiri-Atroari jamais se permitiram assimilar seus hábitos alheios

Mawá é a própria cultura dos índios Waimiri-Atroari, um Deus preservado a custo de guerras e sangue derramado desse povo, tema das matérias seguintes.

Apesar dos contatos que mantiveram em vários momentos com os brancos, os Waimiri-Atroari jamais se permitiram assimilar hábitos alheios, sobretudo os que já conheciam no seio de tribos 'catequizadas', como a ingestão da cachaça. O alcoolismo, tão comum e devastador entre tantos

povos indígenas do Amazonas na atualidade, não tem um único registro nas 19 aldeias Waimiri-atroari.

A tribo conhece a fórmula do caxiri, um preparo de ervas naturais que embebeda os índios e tem propriedades parecidas com as da cachaça. Mas ninguém ouse ingerir essa bebida na tribo porque a pena é severa: "Se um de 'nóis' fizer isso, vai ser amarrado... Vai 'sê' solto só depois de muito tempo, muito tempo amarrado", diz Mário Parywé.

Sem bíblia, livre do alcoolismo e sem a obsessão sedenta de muitos índios em ir desfrutar das novidades atraentes da cidade, os Waimiri-Atroari se preparam para um futuro promissor como uma nação indígena dona da sua própria cultura e que não fez nenhuma concessão nesse plano.

Eles são iguais aos povos indígenas amazônicos. Vivem, rezam, dançam, cantam e sonham. Todos trabalham em prol da comunidade e nenhum recebe salário. Por agirem dessa forma, os Waimiri-Atroari estão formando um patrimônio fabuloso estocado nos bancos já há vários anos. "São apenas R\$ 5 milhões", diz o sertanista José Porfírio de Carvalho, deixando antever que as cifras vão muito além. Afinal, os índios do rio Alalau, Camanau e Abonari vivem para sua cultura e o trabalho permanente. Suas roças abastecem boa parte do mercado de Manaus com banana, cará, macaxeira, farinha e muitas frutas.

No mais, os Waimiri-Atroari vivem felizes em seu território cultuando Mawá, protetor da natureza, e inapelavelmente sem ingerir cachaça, do qual eles tem horror, até por saberem do mal que afeta socialmente grande parte dos povos indígenas do Amazonas e da Amazônia.



Um mártir desconhecido

Gilberto Pinto Figueiredo, indigenista que mais manteve contato com os Waimiri-Atroari de 1967 a 1974, também acabou trucidado pelos índios. Sua história, no entanto, é desconhecida da maioria dos amazonenses

ORLANDO FARIAS E RICARDO OLIVEIRA
Da equipe do EM TEMPO
contexto@emtempo.com.br

Os guerreiros do Alalaú, Jauaperi, Camanaú e Uatumã constituem-se até hoje o povo mais feroz historicamente que o antigo Serviço de Proteção ao Índio (SPI), e posteriormente Fundação Nacional do Índio (Funai), encontraram para sua atração.

No total, 64 funcionários dos dois órgãos tombaram desde 1929 quando começaram as tentativas de atração desses índios considerados arredios. Por causa da ferocidade desse povo, a cidade de Novo Airão, atacada várias vezes por eles, decidiu mudar da margem direita do rio Negro para a margem esquerda.

Foram várias as expedições trucidadas, sendo as mais conhecidas a do padre italiano da Missa Consolotada de Roraima, Giovanni Calleri, e principalmente a de Gilberto Pinto Figueiredo, o indigenista que mais manteve contato com essa tribo desde 1967 até 1974, quando foi trucidado com outras nove pessoas num dos postos do rio Abonari.

A morte de Gilberto Pinto é um mistério profundo porque ele era chamado de "Papai" pelos índios. Era recebido com todas as honras pelo principal cacique da tribo, o índio Maruaga, e seu filho Comprido, conforme documentos oficiais da Funai em poder da viúva de Gilberto, dona Maria Irene Jóia de Figueiredo Costa, 79, aos quais o EM TEMPO teve acesso com exclusividade.

Os documentos, com amplo material fotográfico, mostram quase uma centena de contatos do sertanista com os índios em viagens que ele fez de canoa sujeita a temporais terríveis, a acampamentos que eram simples barracos sem paredes no meio da mata e sempre acompanhados com poucos homens para grupos de índios superiores a 30 a 40 homens.

A conquista da terra pelos Waimiri-Atroari deve muito a

Gilberto Pinto. Foi ele quem coordenou a implantação de diversos postos de vigilância para impedir a entrada dos vários tipos de invasores. Num dos relatórios de 1968, Gilberto Pinto destaca em seu final: "A Funai deve tomar uma série de medidas para interditar os rios Camanaú, Jauaperi, Alalaú, Curiaú e Uatumã".

Gilberto narra em seus relatórios que era bem recebido por uns e com desconfiança por outros. Alguns "ficavam atrás de árvores com as flechas armadas em nossa direção". Mesmo o líder Maruaga que permitiu que Gilberto e sua equipe dormissem algumas vezes numa aldeia do rio Abonari, jamais o levou ao "seu QG", como narra o sertanista em outro relatório.

Em 1974, os contatos tinham

Foi Gilberto Pinto quem coordenou a implantação de diversos postos de vigilância para impedir a entrada dos vários tipos de invasores

avançado tanto que Maruaga e seu filho Comprido vieram passar alguns dias em Manaus, fato que já foi apontado como causa da eliminação de Gilberto e sua equipe. Os familiares praticamente descartam essa hipótese porque ambos foram muito bem tratados em Manaus e ficaram o tempo todo com Gilberto, seja na sede da Funai, seja na própria sua residência.

"O Gilberto ia sempre comprar peixe no mercadão, o alimento preferido deles", diz dona Maria Irene. "O meu pai tinha um carinho e um respeito muito grande pelos Waimiri-Atroari", diz o filho Sérgio, que tem o pai como um herói. "Foi meu pai que começou o processo de salvamento dos Waimiri-Atroari", defende ele.



Viúva de Gilberto Pinto, Maria Irene permitiu que a equipe de reportagem tivesse acesso exclusivo aos relatórios do indigenista



Gilberto Pinto, em foto na aldeia Waimiri-Atroari

Sobreviventes

Três sobreviventes de ataques dos Waimiri-Atroari, Pedro Caetano (Expedição padre Calleri), Ivan Saterê (Gilberto Pinto) e Adão Vasconcelos, de uma expedição da Funai anterior a Gilberto Pinto, sobreviveram quase por milagre atirando-se ao rio e ouvindo o roncar das flechas rente aos seus corpos até que chegassem nadando até a outra margem do rio.

Ivan Saterê conta que tinha ido até a proa de uma canoa tomar água mais limpa quando viu a sombra de um índio na água armando a flecha em sua

direção. "Só deu tempo de eu pular", contou ele mais tarde.

Adão Vasconcelos disse que sobreviveu porque já sabia que quando os índios chegavam sem crianças e mulheres é porque "não vêm com boas intenções", destacou. Quando começou o ataque, ele pulou na água.

Curiosamente os três morreram alguns anos depois de causas diferentes na cidade, o que contribuiu para aumentar o clima de mistério sobre os índios Waimiri-Atroari. As informações foram resgatadas com antigos funcionários da Funai.

Sem ressentimentos

A viúva Maria Irene, o filho Sérgio e o outro filho de Gilberto, Gilmar Jóia Figueiredo (funcionário da Funai), não guardam qualquer ponta de mágoa dos Waimiri-Atroari. "Meu marido é um herói porque foi com ele que começou o salvamento da tribo e o processo de demarcação de suas terras", conta Maria Irene.

Eles não têm curiosidade de saber sobre as possíveis causas da morte de Gilberto devido ao clima de mistério que marca esse povo. Mas

gostariam de ver a história de luta de Gilberto entre os índios do Alto Rio Negro, Solimões e entre eles próprios, ser contada às gerações atuais da tribo.

Quando Gilberto morreu, lembra Irene, ele já tinha sido aposentado alguns dias antes, mas não quis abandonar o trabalho. "Ele tinha que ir mesmo porque os seus companheiros estavam dentro do Posto e ele não poderia deixá-los sozinho", diz a viúva, com o apoio dos filhos.



O cacique Maruaga, numa foto feita na residência de Gilberto, em Manaus

Morte inesperada

A morte de Gilberto Pinto foi surpreendente depois de laços tão profundos estabelecidos entre os índios e o indigenista. O que se sabe é que Gilberto estava convalescendo de uma doença respiratória adquirida numa das últimas ações de campanha na reserva Waimiri-Atroari, quando o Exército mandou buscá-lo para ir levar mantimentos que os índios estavam pedindo.

"Ele saiu daqui acompanhado por dois oficiais e decolou de avião até o km 200 da BR-174, onde havia um campo de pouso e de lá de barco até um dos postos da Funai dentro da reserva. Os militares ficaram de sobrevoar no dia seguinte o posto em que Gilberto estava, avisando da chegada de outros mantimentos, como sal. Quando o fizeram, viram do alto os corpos trucidados em torno do posto", conta Sérgio.

Talvez nunca se descu-

bra por que Gilberto Pinto Figueiredo foi morto. Uma pista pode ter sido o fato de que os índios estavam em guerra contra os militares que transportaram o indigenista de avião até a reserva. Sérgio diz textualmente que o pai fazia relatos "de certas barbaridades cometidas pelos militares contra os índios, como, por exemplo, quando os militares abriam as matas. Ao verem índios no caminho, eles não tinham dó, metralhavam mesmo", revela, acrescentando que tinha 18 anos na época e "o pai lhe contava tudo".

Por causa do regime militar e da censura de então, as citações de Gilberto eram retiradas dos seus relatórios, quase sempre reescritos. Outro relatório de 1969, do próprio punho de Gilberto Pinto, traz certa premonição: "Estou concluindo mais uma viagem em busca de descobrir o mistério dos Waimiri-Atroari".

A FUNAI DEVE TOMAR UMA SÉRIE DE MEDIDAS, VISANDO INTERDITAR OS RIOS CAMANAÚ, JAUAPERÍ, ALALAÚ, CURIAÚ, E UATUMÃ (BAIXO AMAZONAS), PROIBINDO, TERMINANTEMENTE, O TRÁNSITO DE PESSOAS ESTRANHAS, A FIM DE NÃO PREJUDICAR O TRABALHO QUE PRETENDO REALIZAR JUNTO AOS WAIMIRÍS.

SOLICITO ME SEJA FACILITADO OS BRINDES PROMETIDOS AO TUCHAUA MARUAGA, A FIM DE QUE POSSA MANTER A CHAMA ACÊSSA, ESPERANDO CONSEGUIR DESVENDAR O MISTÉRIO QUE CERCA OS WAIMIRÍS.

ESPERANDO TER CUMPRIDO MAIS UMA ETAPA DA MISSÃO QUE ME FOI CONFIADA, APRESENTO

RESPEITOSOS CUMPRIMENTOS.

MANAUS, 30/10/69

G. Pinto

Nação sem analfabetismo

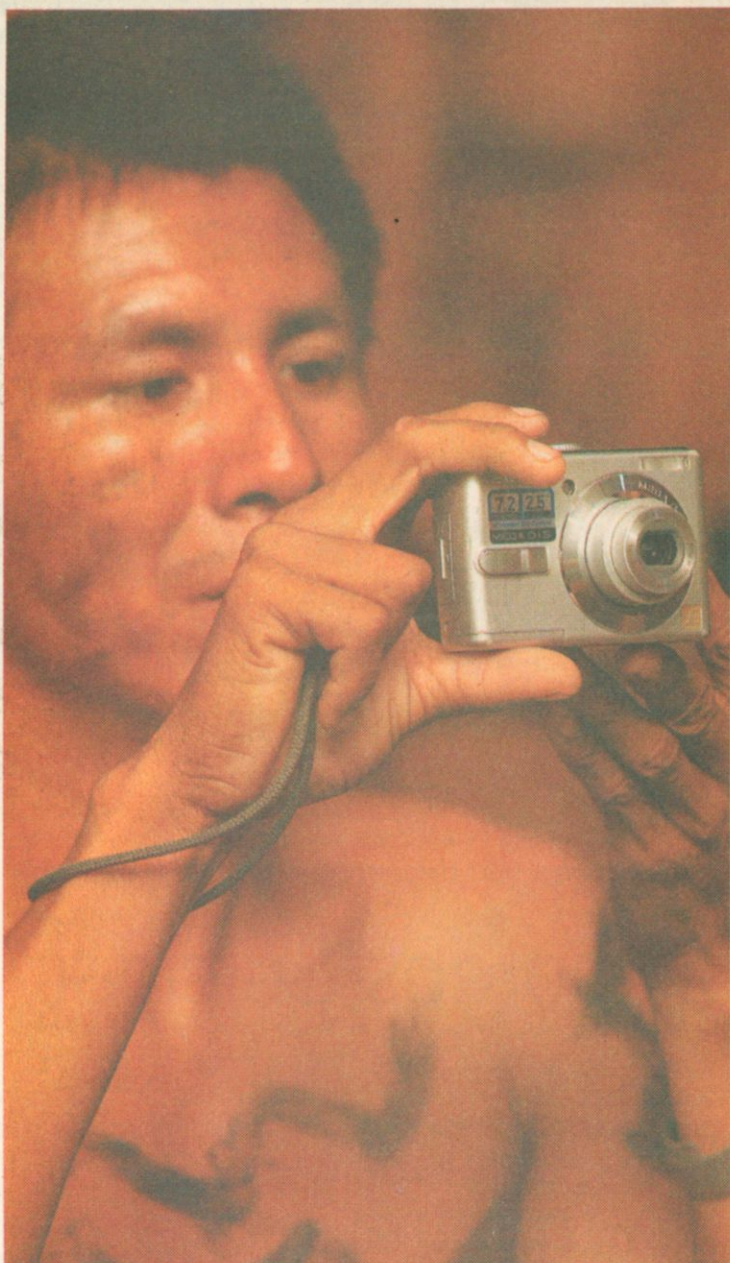
A implantação de escolas nas tribos surgiu da necessidade de aprender a Língua Portuguesa, para entender melhor os não-índios e possíveis armadilhas por eles criadas. A vontade de aprender foi tanta que eles ampliaram seu conhecimento, extinguíram o analfabetismo e já dominam novas e modernas tecnologias



Mesmo sendo uma instituição recente entre os Waimiri, a escola atende a toda a tribo. Todos os dias, indígenas de todas as idades, vão para a sala de aula estudar



Waimiri têm curso de fotografia e filmagem, e já produziram dois filmes



Índios manuseiam com facilidade equipamentos digitais



Venda de DVDs, cadernos e agendas é revertida para os Waimiri-Atroari

A escola entre os índios Waimiri-Atroari é uma instituição recente. Eles sentiram necessidade de estudar a Língua Portuguesa para entender melhor os não-índios e não serem presas fáceis de futuras armadilhas pela posse de seu rico território. O professor Marcelo Ewepe, 35, é um dos 50 professores indígenas que se encarregam de transmitir um ensino bilíngüe a alunos de 19 aldeias situadas na faixa da BR-174 e às margens de vários rios que cortam a reserva.

Junto com eles, trabalham oito professores não-índios. Rosali Ribeiro é uma das professoras 'brancas'. Ela diz que adora o seu trabalho. "Eles (os Waimiri-Atroari) gostam muito de aprender. Se você tem algo de bom para ensiná-los, eles ficam perto de você para ganhar esse novo conhecimento", diz ela.

Coordenador pedagógico dentro da reserva, Marcelo Ewepe diz que todos os dias, indígenas de todas as idades, vão para a sala de aula estudar. "Os bebês, nos primeiros dias de vida, já acompanham as mães nas salas de aula", diz o professor. Conforme vão crescendo, vão tomando contato com a educação. Só os mais velhos não são obrigados a ir a salas de aula, caso não queiram.

"Na nossa reserva, a educação é verdadeiramente para todos", diz Marcelo Ewepe. Por causa disso, o analfabetismo na língua dos Waimiri-Atroari é próximo de zero. O ensino entre eles não obedece, porém, a uma grade curricular como na maior parte dos países. Eles estudam muito as suas tradições, seus costumes, suas histórias numa ótica de valorização da cultura e auto-afirmação étnica.

Mas são ávidos por novas tecnologias. O próprio professor Marcelo Ewepe aprendeu

informática e conserva seu arquivo bibliográfico dentro de um computador de última geração, pequeno e que ele pode levar sem dificuldade para onde for. Quando tem dúvida, ele recorre ao escritório do Programa Waimiri-Atroari, com sede em Manaus. Basta acessar a internet e entrar em contato direto com a coordenação em Manaus.

Isso pode ser feito em quatro pontos diferentes da aldeia onde há telefone. Marcelo sabe operar muito bem o aparelho GPS, o telefone mundial, e vai fazer exame de baliza de trânsito nos próximos dias, no Detran de Manaus, para obter uma carteira de habilitação e passar a dirigir automóveis, uma necessidade na reserva cortada por 128 quilômetros da BR-174 e outros tantos quilômetros de ramais de acesso a aldeias.

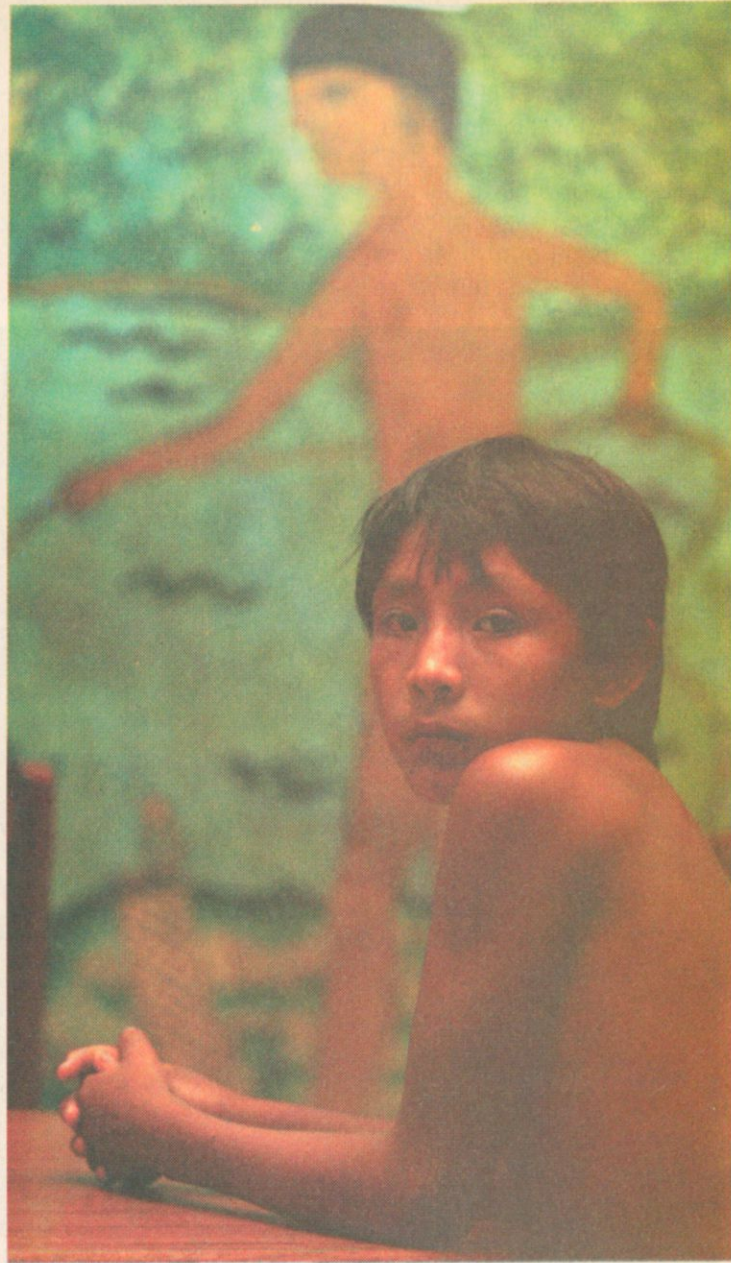
Segundo Marcelo Ewepe, os Waimiri também tiveram cursos de fotografia e vídeo, e já realizaram dois documentários - "Nossa História" e "Um dia na Aldeia" - sobre o cotidiano nas aldeias, ambos disponíveis para comercialização. "A nossa comunidade é ávida por saber e quer dominar progressivamente as tecnologias mais modernas pelo simples fato de que isso ajuda o desenvolvimento da comunidade", afirma.

Apesar de a escola ser uma experiência tão recente na comunidade, os Waimiri-Atroari já se preparam para o acesso à Universidade. O primeiro curso nesse nível vai chegar no início do próximo ano às aldeias. E não poderia ser outro senão o de Antropologia Cultural, escolhido por eles mesmos.

"A universidade que queremos é dentro de nossa própria reserva com um enfoque na nossa realidade e não ao contrário", diz Marcelo Ewepe, que vai se inscrever como um dos alunos.



Ensino não obedece à grade curricular normal, mas zerou o analfabetismo



Cultura é valorizada e passada para as novas gerações



Marcelo Ewepe, com um GPS: índios ávidos por novas tecnologias

“A nossa comunidade é ávida por saber e quer dominar progressivamente as tecnologias mais modernas pelo simples fato de que isso ajuda o desenvolvimento da comunidade”

Marcelo Ewepe, coordenador-pedagógico da Reserva Waimiri-Atroari

Hiroshima é aqui

A poderosa bomba atômica, lançada no Japão, em 1945, devastou 20% da população da cidade de Hiroshima. Num período de dez anos, os waimiri-atroari foram quase dizimados: 80% deles morreram vítimas dos ataques militares e das doenças de 'homem branco'

Como eles se tornaram ricos

Há várias maneiras de se contar a trajetória dos índios waimiri-atroari, um dos povos mais atingidos pelo processo desenvolvimentista conhecido como milagre econômico na região amazônica.

Uma delas pode ser sob a ótica econômica. Por certa ironia do destino, quem sabe, esses índios foram vítimas de três grandes impactos do período do milagre econômico: a construção da hidrelétrica de Balbina que inundou um terço de seu território; a BR-174 e a exploração da mina de cassiterita do Pitinga, que ficava em suas terras, depois da terra demarcada, restou apenas a estrada cortando seu território para escoar o minério.

Os três projetos do milagre econômico foram devastadores para os índios waimiri-atroari. Mas contraditoriamente também foram a sua salvação.

Esses ingredientes os transformaram numa das tribos mais ricas do país. O custo de cada habitante para a manutenção de um índio é de um salário mínimo, bem abaixo do custo de um presidiário no país que é de cinco salários mínimos.

Entre o que produzem em suas reservas de produtos agrícolas e artesanato e os gastos externos (como gasolina e reposição de peças), cada índio tem a seu favor uma economia de R\$ 80,00. A comunidade inteira produz cinco vezes mais do que precisa e o excedente é todo vendido no mercado de Manaus.

Para se ter uma idéia do patrimônio da tribo, o prédio onde funciona seu escritório em Manaus, que serve de coordenação, hotel, hospital, localizado ao lado da rua Recife, uma das principais de Manaus, foi adquirido pelos índios há poucos anos com dinheiro vivo.

Apesar da fortuna, nenhum deles lança mão para aproveitar as maravilhas do capitalismo, como se hospedar em hotel cinco estrelas, comprar aviões, pagar michê milionários de mulheres brancas, etc. Uma realidade muito comum hoje aos índios que permitem a extração madeireira de mogno em suas terras, como os Caiapós.

As Toyotas que eles compram são usadas para fiscalizar a enorme reserva. E os guardas florestais são eles, os próprios índios, sem receber salários.

A taxa de natalidade dos waimiri é de 5% enquanto a do Brasil é de apenas 2%.

Todos os 1.287 waimiri continuam morando coletivamente nas ocas gigantescas no meio da selva, sem gastar praticamente nada. A grande maioria mantém a relação monogâmica com famílias de quatro a dez crianças.

Periodicamente eles repovoam os rios da região com peixes, aves e quelônios que reproduzem em cativeiro, com essa finalidade, e para abastecer também as populações das 19 aldeias.

A invasão das terras dos Waimiri-Atroari nas décadas de 60 e 70 provocou uma verdadeira hecatombe demográfica. Dados da Funai obtidos a partir de sobrevôos sobre o território e a contabilidade das aldeias - cerca de 100 antes da construção da estrada - estimam que a população da tribo era de 1,5 mil membros.

"Conforme a tradição da tribo, cada aldeia é habitada por uma população em torno de 150 pessoas", conta José Porfírio de Carvalho. Ele mesmo participou da equipe da Funai que realizou os sobrevôos em 1969 e chegou àquela estimativa, legitimada por antropólogos.

Dez anos depois, a população dessa comunidade tinha sido reduzida a apenas 335 membros, segundo o levantamento demográfico realizado pela equipe pioneira destacada pela Funai para socorrer esses índios atingidos por uma desesperadora epidemia de sarampo. A doença, que eles não conheciam, provocou uma escalada de mortes na tribo e deixou as lideranças debilitadas e sem saber o que fazer.

Foi esse evento que levou a maioria da tribo a pedir socorro às margens do rio Camaná, um afluente do rio Negro, a cerca de 90 quilômetros de Manaus. A Funai mandou às pressas uma equipe de saúde chefiada por José Porfírio de Carvalho, que então teve a chance de estabelecer contatos diretos com as lideranças da tribo.

José Porfírio de Carvalho era o último dos indigenistas que integrava o "Grupo dos Suicidas" da Funai. E foi a partir daí que ele conquistou a confiança da tribo e passou a advogar por ela, numa trajetória que vai se

chocar com os militares e o tornar preso político por pelo menos duas vezes nos anos seguintes.

Analisando a totalidade dos índios da tribo, em 1969, e a que restou, em 1979, quando houve o contato definitivo, é possível constatar que 80% da população pereceu nesse período massacrada por bombas atiradas de helicópteros em suas aldeias ou vítima da introdução das doenças transmitidas pelos brancos, aos quais eles não tinham nenhuma resistência.

O resultado é devastador.

Números

80

por cento

da população pereceu massacrada por bombas atiradas de helicópteros em suas aldeias ou vítimas de doenças transmitidas pelos brancos, às quais eles não tinham resistência

Nas palavras do próprio José Porfírio de Carvalho, "essa mancha indiscriminada contra os Waimiri-Atroari teve um efeito maior do que a bomba atômica que explodiu sobre a cidade de Hiroshima, no Japão, em 1945, no final da II Guerra Mundial, cuja devastação populacional foi de 20%".

A partir de 1988, com a implantação do Programa Waimiri-Atroari, o crescimento demográfico foi retomado. Hoje, vinte anos depois, a população das 19 aldeias chega a 1.287 indivíduos.



População waimiri-atroari que chegou a ser quase totalmente dizimada, na década de 70, recuperou hoje o crescimento demográfico. Nas 19 aldeias, já são 1.287 índios.

O sobrevivente do 'Grupo dos Suicidas'

O indigenista José Porfírio de Carvalho, 67, pode se considerar um sobrevivente e o responsável direto pela sobrevivência de um dos povos indígenas mais ameaçados de extinção no começo da década de oitenta no Brasil. Eram os Waimiri-Atroari, considerados por alguns dos naturalistas dos séculos passados, principalmente Alexandre Rodrigues da Silva, como um povo essencialmente guerreiro e de extrema bravura.

Na década de 70, José Porfírio de Carvalho era funcionário e participava da equipe de atração aos Waimiri-Atroari, controlando as finanças.

Com a morte de Gilberto Pinto, Porfírio tornou-se a 'bola da vez'; foi ele o funcionário destacado para tentar atraí-los. O indigenista percorreu todos os

rios da região algumas vezes e nem sinais de qualquer índio da tribo. "Os índios tinham sumido no meio do mato e passaram escondidos assim durante sete longos anos".

Só reapareceram em 1981 às margens do rio Camaná. Chegaram acometidos de uma epidemia de sarampo que tinha matado dezenas de membros da tribo. As doenças ameaçavam seriamente a sobrevivência da própria tribo.

Nesses sete anos em que os índios desapareceram, ocorreram uma série de irregularidades em relação aos limites do território. Porfírio os denunciou todos, sendo perseguido e 'asilado' na cidade de Altamira, no Pará, de onde não podia sair.

Hoje, olhando para trás e vendo o sacrifício que depo-

sitou no revigoramento dessa comunidade, Porfírio deixa escapar que a trajetória desses tem a ver com a própria

Olhando para trás e vendo o sacrifício no revigoramento dessa comunidade, Porfírio deixa escapar que a trajetória desses tem a ver com sua própria vida

vida dele. Afinal, desde 1968, ou seja há 40 anos, Porfírio acompanhou dia-a-dia a luta dos Waimiri-Atroari pela autodeterminação mesmo quando

eles sumiram mato adentro.

Anda hoje, Porfírio sofre ameaças de morte por sua defesa dos Waimiri. Mas não se intimida. "Eu nunca andei armado. Talvez isso tenha sido determinante para que os índios confiassem em mim". Segundo ele, as armas são motivo de receio por parte dos Waimiri. "Quando os militares vão às aldeias em 'visita', os índios se pintam e se armam. Eles, os militares, alegam estar em missão pacífica, mas os índios questionam o porquê, então, de estarem armados".

Sobre o massacre do padre Calleri, Porfírio considera um erro aquela missão. "Na época, houve uma comoção em Manaus, passeatas e discursos inflamados em defesa da missão. Mas ninguém perguntou como estavam os índios".



Porfírio de Carvalho e o milésimo Kinja nascido na tribo, chamado lawryrky



A taxa de natalidade dos waimiri-atroari é de 5%, maior do que a brasileira, que é de apenas 2%. Todos eles continuam morando coletivamente, em ocas gigantescas no meio da selva

Guardiões da floresta

Ao perceberem que seu território estava sendo devastado com a morte de animais, a maioria atropelados na rodovia, os waimiri criaram sua própria Guarda Florestal

A reserva indígena dos índios Waimiri-Atroari é uma das áreas mais conservadas da floresta tropical nos Estados do Amazonas e Roraima. Basta dizer que é uma das poucas áreas indígenas em toda a região amazônica em que não há presença ilegal de madeira ou roubo de qualquer espécie de madeira.

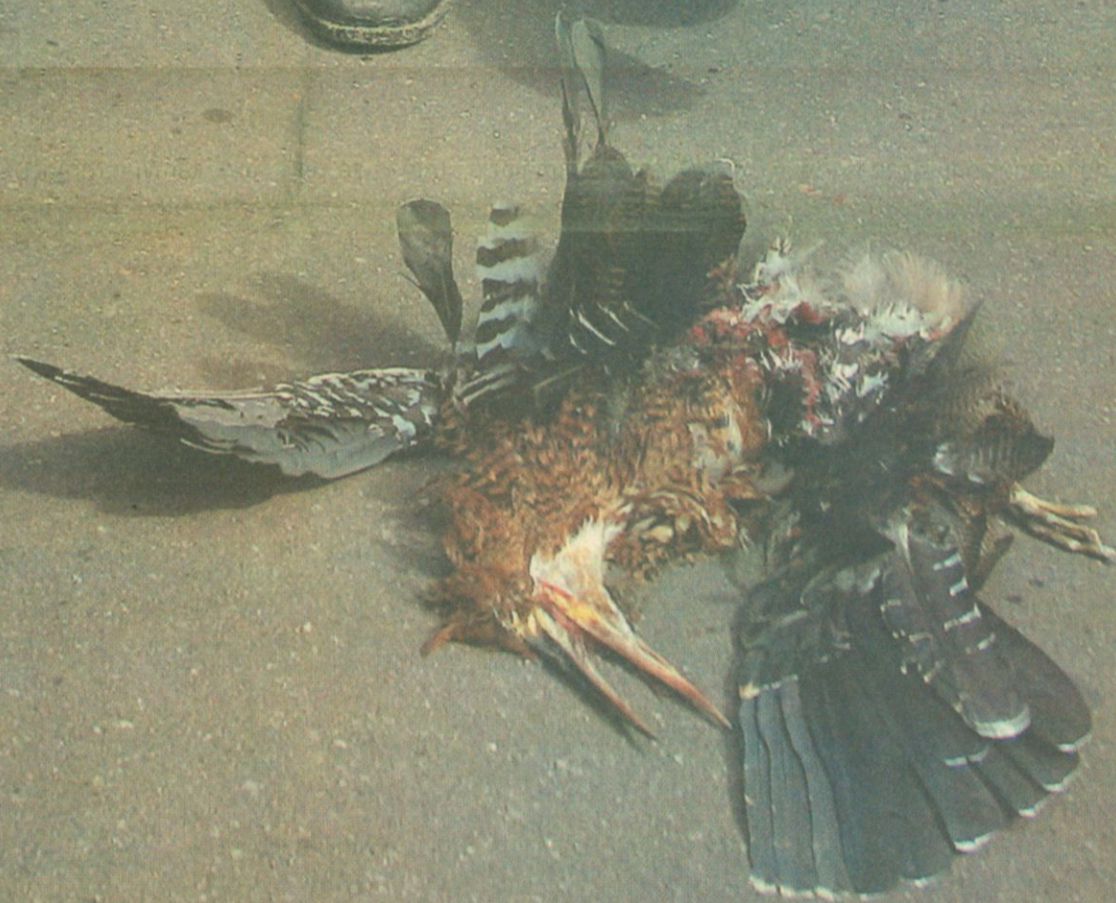
Há um motivo para isso: os guerreiros Waimiri se dedicam agora a atuar como membros da Guarda Florestal da tribo que mantém vigilância permanente nas fronteiras da reserva. No passado, alguns garimpeiros ousaram entrar furtivamente na reserva para pesquisar a existência de ouro. Todos os que tentaram foram descobertos graças à vigilância permanente em pontos estratégicos da reserva em áreas de rio e de estrada.

A guarda florestal tem uma frota

de carros e embarcações que circulam de forma permanente nos rios e na estrada.

Não foi por acaso que a tribo decidiu montar a sua própria Guarda Florestal. Isso tem a ver com a própria postura da comunidade em relação ao meio ambiente, ligada ao seu universo mitológico. Os Waimiri não permitem agressões à natureza. Perceberam a tempo que seu território estava sofrendo perdas com a mortandade de animais atropelados na estrada e com a pressão de comunidades não-índias localizadas nas divisas da reserva.

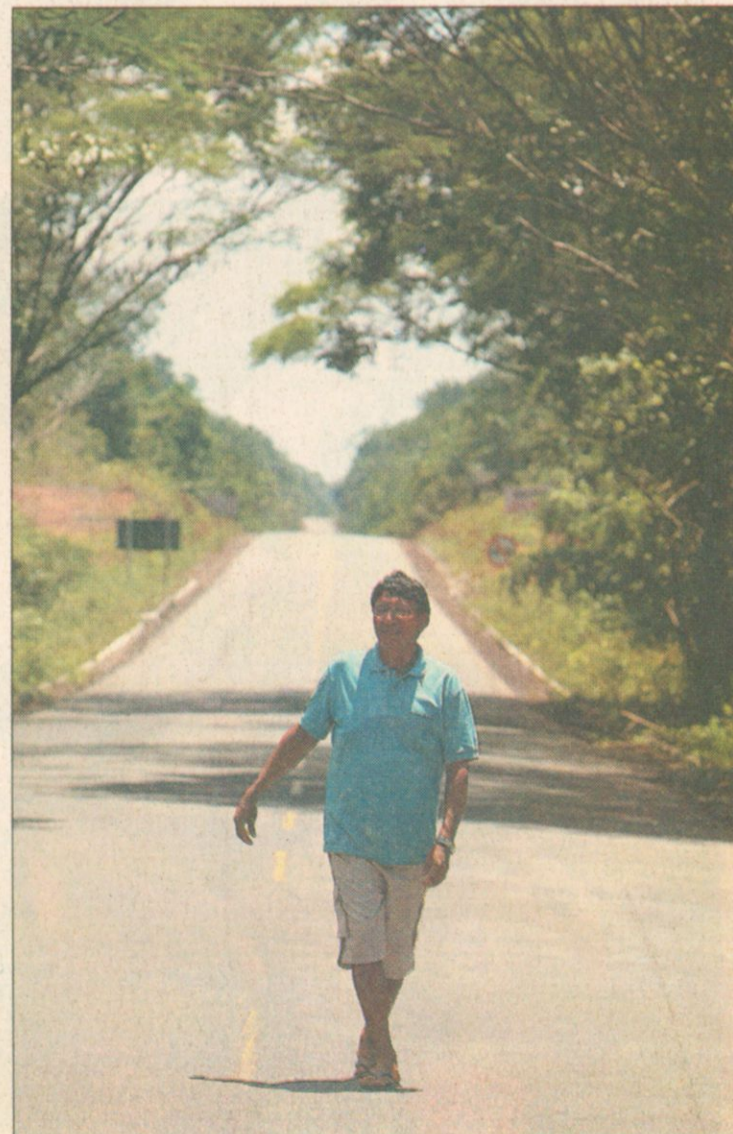
Por causa disso, os Waimiri decidiram repovoar os seus rios de peixes, quelônios e animais silvestres. Passaram a reproduzir animais, peixes e quelônios em cativeiro e libertá-los em grande quantidade quando atingem a idade adulta.



Mateus Waimiri mostra um gavião real, morto atropelado na BR-174. Ele percorre diariamente toda a extensão da reserva cortada pela rodovia, colhendo lixo jogado pelos viajantes e fiscalizando as agressões à natureza



Placa colocada no início da reserva, atualizada diariamente, contabiliza a quantidade de animais atropelados na BR-174



Cacique Mário Parywe caminha sob passarela de árvores utilizada por macacos

Onde a velhice é admirada e valorizada

Na comunidade Waimiri-Atroari, os índios mais antigos exercem o papel de conselheiros, professores e memória viva, que se presta a transmitir conhecimentos seculares às novas gerações

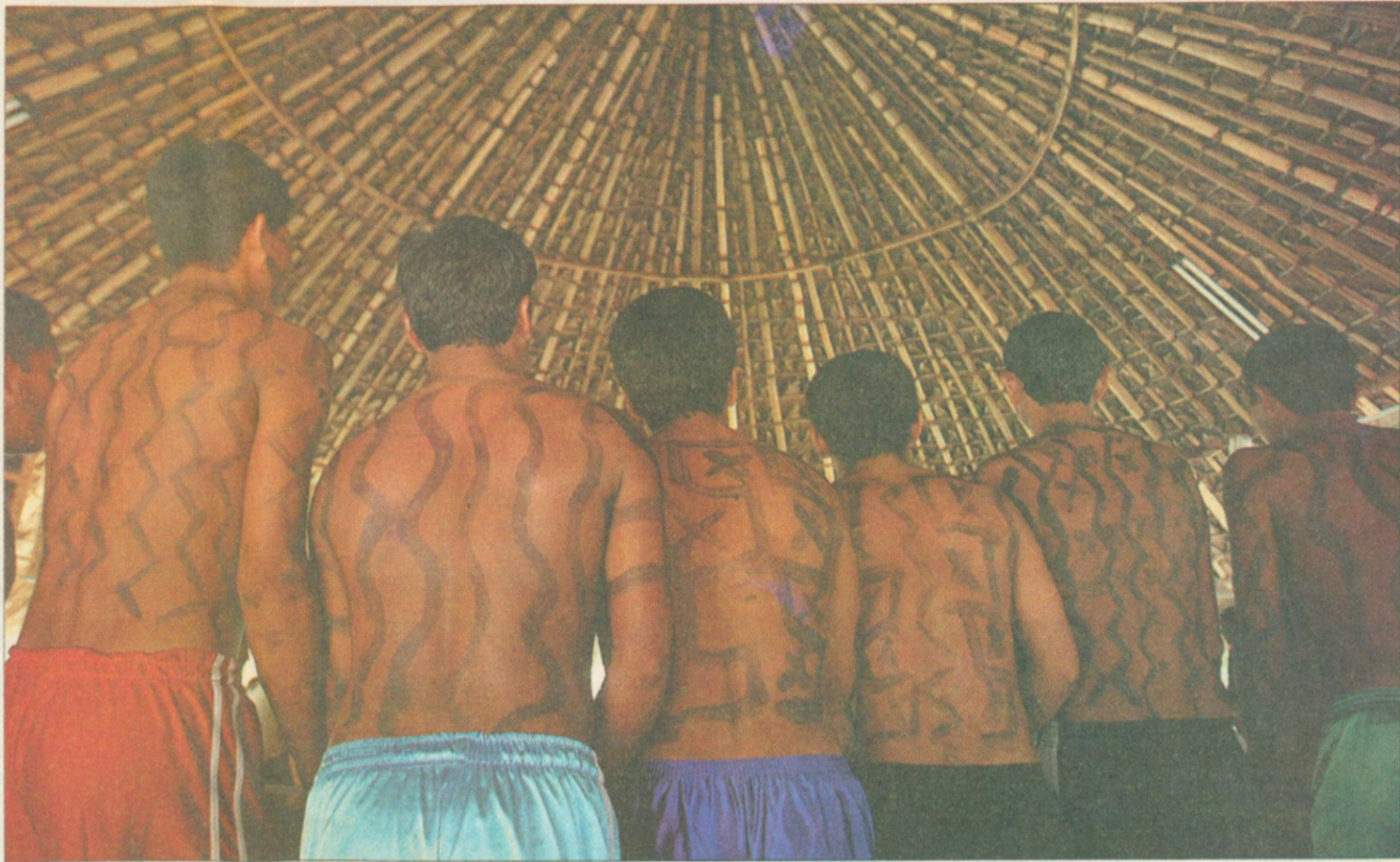
O lugar que os Waimiri-Atroari reservam aos membros de mais idade na tribo é de provocar arrepios nas pessoas que discriminam aposentados e demais membros da Terceira Idade no Brasil. Na comunidade Waimiri-Atroari, os tyamuru (membros de mais idade) são considerados uma relíquia e uma preciosidade. Os índios mais antigos exercem o papel de conselheiros, professores e memória viva que se presta a transmitir conhecimentos seculares às novas gerações.

No processo educativo permanente da tribo, os índios mais antigos ocupam o papel de professores. São eles que narram a história secular da etnia, as batalhas mais marcantes, os valores cultivados desde os tempos imemoriais e as origens da comunidade. "Os tyamurus (velhos) são os membros mais valorizados,

queridos e respeitados pelos Waimiri-Atroari", admite o indigenista José Porfírio de Carvalho, chamado de tyamuru nas aldeias.

Apesar de serem dispensados das aulas como alunos, eles fazem questão de estar presentes pelo amor de transmitir os valores e a memória para os mais novos. Isso significa, claro, a perenidade dos Waimiri-Atroari como sempre foram - um povo feliz e guerreiro quando necessário, pondera o indigenista.

Os velhos Waimiri não são levados para asilos, como acontece na vida ocidental. Todos os tyamurus têm boa saúde porque nunca pararam de trabalhar e nunca tiveram vida sedentária. Mesmo não sendo mais obrigados a caçar, pescar e cuidar da lavoura, os tyamurus exercem essas atividades exatamente como meio de continuarem saudáveis.



Ensinos dos mais velhos são repassados às novas gerações, principalmente a guerreiros, em momentos de festa nas tribos

Tomás, o guerreiro que não se aposenta

Uma das maiores relíquias dos Waimiri-Atroari na Terceira Idade é o índio Tomás. Quem acompanha a trajetória da tribo e de tempos em tempos tem a oportunidade de ver a formação dos guerreiros em momentos de festas da tribo, registra sempre entre eles esse tyamuru (velho) apesar da sua idade, algo aproximado entre 65 a 75 anos, já que não havia controle de natalidade antes

de o Programa Waimiri-Atroari ser estabelecido.

Tomás participou das grandes batalhas das décadas de 60 e 70 contra as frentes de invasão no território de sua tribo. Além de ser uma memória prodigiosa das incursões militares e religiosas sobre a tribo durante o período do milagre econômico, Tomás é considerado um conselheiro máximo dos Waimiri. Daí a

importância que todos conferem a ele.

Dominando menos a Língua Portuguesa do que a maioria, Tomás se permite ser entrevistado. Diz que tem boa saúde e mantém a mesma rotina de quando jovem: pescar, caçar e trabalhar na agricultura.

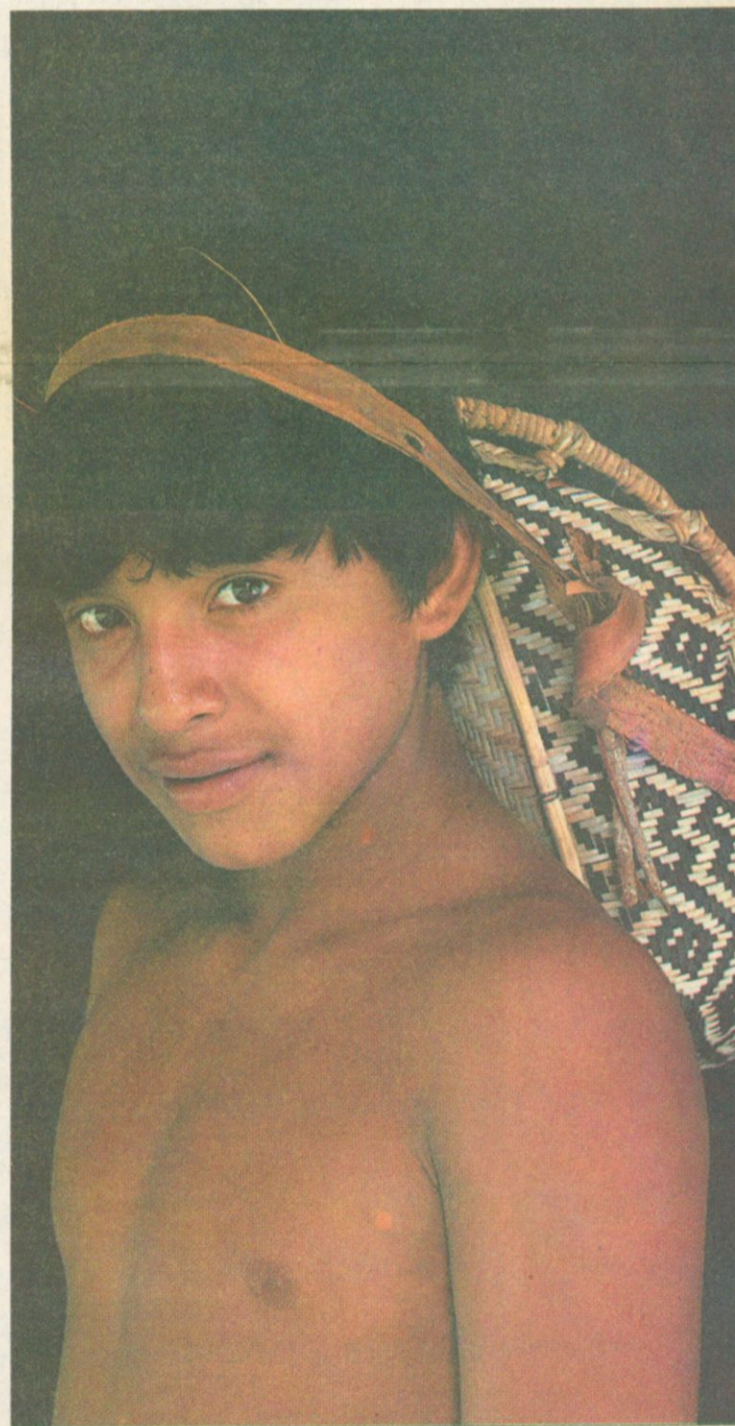
Quando o repórter que o conhece de outras reportagens passadas brinca com ele e sugere que ele não

é mais tão bom em disparar uma flecha, ele ataca: "Flecho muito bem animal e muito melhor ainda um kamyja (branco)", diz ele, num tom de ironia e riso.

Para conceder a entrevista, Tomás foi acompanhado por guerreiros que dominam muito bem a Língua Portuguesa. Mas não apenas por isso. "Porque ele é uma preciosidade", traduz um dos índios.



O tyamuru Tomás, que participou das grandes batalhas da tribo nos anos 60 e 70, é considerado uma das relíquias dos waimiri-atroari



Artesanato é vendido em sete lojas, seis no Amazonas e uma em Roraima

Os artistas da floresta

Os Waimiri-Atroari têm no artesanato uma das fontes de renda para os artigos industrializados dos quais dependem. A venda é feita em Manaus, por intermédio do Programa Waimiri-Atroari, que utiliza as peças na divulgação da cultura 'kinjas', como eles se autodenominam. A floresta oferece todos os elementos necessários à produção de seus artefatos, como palha, sementes, ervas, resinas, folhas, penas etc.

Exemplo de empreendedorismo, os 'kinjas' são donos de sete lojas, duas delas instaladas nas extremidades da reserva - uma em Roraima e outra no Amazonas. As demais lojas estão localizadas em Manaus, inclusive uma

num shopping e outra num aeroporto.

O artesanato não se destina apenas para uso doméstico, mas também ao uso simbólico no ritual do "Maryba", onde ocorre a troca de flecha entre os guerreiros, o pagamento do "eremy" (cantor) e outras situações em que o mundo místico e mundo material se encontram.

Os Waimiri se recusam a desfrutar dos vários benefícios sociais disponibilizados pelo estado brasileiro, como bolsa-família, Previdência Social, Direito Natalidade, aposentadoria rural etc. Nenhum deles recebe salários para trabalhar, sejam os professores, os guardas florestais, os agentes de saúde, ou os caciques da tribo.